

Sobre a história das culturas científicas

On the culture of science history

Mauro Lúcio Leitão Condé

Professor Adjunto do Departamento de História, FFCH/UFMG
Av. Professor Antônio Carlos, 6627, campus Universitário, Pampulha
31270-901 Belo Horizonte – MG – Brasil
mauro@fafich.ufmg.br

Regina Horta Duarte

Professora Adjunta do Departamento de História, FFCH/UFMG
Av. Professor Antônio Carlos, 6627, campus Universitário, Pampulha
31270-901 Belo Horizonte – MG – Brasil
reginahd@uai.com.br



Breidbach, Olaf; Poggi, Stefano (Ed.).
Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur
(*Yearbook for European Culture of Science*).
Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2001. 258p.

Os estudos de história da ciência têm ocupado um espaço cada vez maior nos círculos acadêmicos brasileiros, com destaque para a crítica de uma visão tradicionalista, na qual prevaleciam as biografias elogiosas de grandes gênios e/ou narrativas de descobertas e invenções progressivas a desaguar em pretensas certezas do presente. Novas perspectivas têm sido exploradas na construção da história das ciências no Brasil, não só pela produção expressiva de livros, revistas (como é o caso de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*), dissertações e teses em programas de pós-graduação, mas também pela troca profícua de experiências e debates por ocasião de eventos, tais como os seminários organizados pela Sociedade Brasileira de História da Ciência.

Nesse contexto, é compreensível o interesse crescente dos estudiosos brasileiros acerca de publicações internacionais diretamente dedicadas ao tema da história da ciência. A busca de um diálogo pluralista e multicultural – do qual possa emergir uma análise densa e dinâmica da ciência como uma prática social e historicamente constituída – possibilita-nos um conhecimento mais amplo das especificidades do fazer científico em diferentes espaços e temporalidades.

Essas considerações justificam a presente resenha acerca de uma nova revista europeia dedicada ao estudo da história da ciência, *Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur* (*Yearbook for European Culture of Science*), editada pela Steiner, em Stuttgart, Alemanha. O periódico tem frequência anual (consultar www.steiner-verlag.de) e seus artigos são publicados em alemão, italiano, francês e inglês. Os editores pertencem a renomadas instituições europeias: Olaf Breidbach, do Institut für Geschichte der Medizin, Naturwissenschaft und Technik Friedrich-Schiller-Universität Jena (Olaf.Breidbach@uni-jena.de), e Stefano Poggi, do Dipartimento di Filosofia della Università degli Studi di Firenze (poggi_s@philos.unifi.it).

Mesmo considerando a sociedade ocidental contemporânea como baseada no conhecimento e na informação, além de auto-identificada com um perfil intercultural e transnacional, *Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur* aponta como as bases da cultura científica atual permanecem, muitas vezes, emolduradas pelas mesmas tradições

iluministas de um contínuo progresso em direção a um estágio superior de caráter a-histórico, em um mero desenrolar linear de verdades. Entretanto, argumenta-se como o fazer científico constituiu-se crescentemente amalgamado à política e à economia à medida que a sociedade ocidental lançou mão da ciência e da tecnologia como a pedra fundamental de sua existência. Em tais circunstâncias, “os lugares de comunicação científica são também locais de comunicação política”.

É no seio dessa dinâmica entre ciência e sociedade que *Jahrbuch für Europäische Wissenskultur* pretende situar seus debates. Privilegiando abordagens comparativas, a revista deseja traçar “os caminhos ao longo dos quais se delinearão as estruturas básicas da cultura da ciência européia”. Seus conteúdos dedicam-se à análise das interdisciplinaridades e das conexões entre lugares de conhecimento, à compreensão das inter-relações entre locais de comunicação e lugares de produção, à indagação sobre os efeitos das interpretações nacionais e das integrações transnacionais na identidade de uma cultura científica. Destacam-se, especialmente, as redes históricas, estruturais e culturais nas quais a cultura da ciência evoluiu e nas quais se delinearão interações entre variadas disciplinas.

O primeiro volume, publicado em 2005, traz dez artigos. Os quatro primeiros versam sobre temas diversos. Marco Piazza, filósofo da Università degli Studi di Firenze, aborda alguns desdobramentos das discussões sobre a frenologia no início do século XIX, na França, através da análise dos trabalhos de Maine de Biran (1766-1824), que defendia a existência de relações estreitas entre a fisiologia e a psicologia, assim como entre a medicina e a metafísica. Lennart Olsson, da Friedrich-Schiller Universität, assina artigo sobre as tendências antidarwinistas na Suécia até meados do século XX, com a ascensão de explicações lamarckistas e de uma morfologia idealista, ambas resultantes da rejeição à seleção natural. Outro texto, de Pauli Ojala, da Finlândia, discute a difusão de Haeckel entre os geneticistas finlandeses e suas repercussões na legislação eugênica daquele país, nas primeiras décadas do século XX. Tomás Hermann, de Praga, analisa a trajetória do zoologista russo Mikhail Novikov (1876-1965) e como o contexto turbulento em que este viveu foi decisivo para os pressupostos básicos de suas investigações biológicas.

Cada volume traz ainda um dossiê temático. O primeiro elegeu o tema das recepções/identidades na história da cultura e da ciência no século XIX. Nesse primeiro dossiê, todos os autores pertencem à Friedrich-Schiller-Universität Jena, o que evidencia como tal debate tem mobilizado as pesquisas sobre história da ciência na Alemanha e como tal conceito tem balizado suas análises. O artigo de Thomas Bach parte de um exemplo concreto, a recepção da obra *De l'Allemagne*, de Madame de Staël. Jan Frercks analisa a emergência da física como disciplina autônoma na Alemanha em 1800 através das instâncias de recepção de pessoas, temas, leituras, conteúdos, livros didáticos, dicionários e revistas. Katja Regenspurger discute a publicação e o alcance do livro de anatomia do alemão Justus Loders (1753-1832), cujas ilustrações situavam-se entre percepções então tradicionais e padrões científicos inovadores. Gerhard Wiesenfeldt analisa a atuação de Johann Ritter (1776-1810) argumentando que a recepção de seus experimentos foi redimensionada pela *Naturphilosophie*, com significativas conseqüências para os discursos científicos e para a historiografia

da ciência. Finalmente, Olaf Breidbach utiliza-se de conceitos foucaultianos para descrever e analisar as transformações de identidades e percepções científicas ao longo do tempo.

O segundo volume mantém o espaço para um dossiê temático concentrado na Teoria Evolucionista, em suas recepções, releituras, apropriações e rejeições. Há contribuições da Itália, França, Alemanha e Brasil. A presença de um artigo (de um dos autores desta resenha, Regina Horta Duarte) sobre antidarwinismo no Brasil nas primeiras décadas do século XX e suas relações com o contexto político – assim como sobre as curiosas recepções e desdobramentos das leituras de Lamarck, Haeckel e Mendel entre os cientistas do Museu Nacional – demonstra a franca disposição do periódico ítalo-alemão em travar diálogos e estabelecer espaços para a análise de práticas científicas fora do circuito da Europa, certamente em intenso contato com os debates ali delineados. Assim, *Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur* é um veículo possível para as publicações de outros pesquisadores brasileiros e para a divulgação de suas reflexões sobre a ciência feita no Brasil. Completam esse número outros interessantes artigos, um dos quais sobre os aspectos psicológicos da obra do cientista russo Lev Vygotsky, e outro sobre a geografia árabe.

Um periódico como *Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur* – cuja proposta é a análise das inter-relações culturais entre o conhecimento e as sociedades, das suas produções, da circulação de idéias e conceitos, da recepção das ciências produzidas na Europa – emerge como foco de interesse para todos os que se dedicam à história da ciência. Certamente a compreensão da dinâmica de constituição de uma cultura da ciência ocidental apresenta-se decisiva para nossos debates sobre a construção de uma cultura científica no Brasil.

Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur é mais uma das inúmeras iniciativas para o estudo da história das ciências na Alemanha. Indubitavelmente, a contribuição da Alemanha para as ciências tem sido muito grande, sobretudo a partir do século XIX. Muitos cientistas alemães de vários campos da ciência se destacaram, entre os quais Justus Liebig (1803-1873), Hermann von Helmholtz (1821-1894), Ernst Haeckel (1834-1919), Max Planck (1858-1947), Albert Einstein (1879-1955) e Werner Heisenberg (1901-1976), apenas para citar alguns. Um país que tem tanta ciência não poderia ficar indiferente aos espaços editoriais e ao *locus* institucional para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos em história, sociologia e filosofia das ciências. Com efeito, sobretudo nas universidades alemãs contemporâneas – mas também em algumas fundações e institutos isolados –, podemos encontrar diversos centros, institutos ou cátedras com esse propósito.

Alguns desses institutos e centros dedicados à história das ciências constituíram-se em torno do acervo de importantes cientistas nascidos nas localidades onde se situam as instituições universitárias que os abrigam. O próprio Institut für Geschichte der Medizin, Naturwissenschaft und Technik Friedrich-Schiller-Universität Jena (Instituto para a história da medicina, ciência natural e técnica da Universidade Friedrich-Schiller de Jena), ao qual pertence Olaf Breidbach, um dos editores do *Jahrbuch für Europäische Wissenschaftskultur*, está diretamente vinculado à Casa de Ernst

Haeckel (www2.uni-jena.de/biologie/ehh/haeckel.htm), um dos institutos de história da ciência mais antigos da Alemanha.

A Casa de Ernst Haeckel

Essa casa, que preserva a memória do ilustre cientista, tem uma dupla função: como museu e como instituto de pesquisa em história da ciência. Sua sede é a casa onde morou Haeckel, na rua Berggasse nº7, em Jena. Haeckel construiu essa casa em estilo campestre italiano (1882-1883) e nela viveu até a sua morte, em 9 de agosto de 1919. Sua carreira estendeu-se por quase sessenta anos e fez de Jena o principal centro do darwinismo na Alemanha. Mais que isso, fez de Haeckel parte da história do próprio darwinismo. Da mesma forma, outros institutos e centros de história da ciência na Alemanha originaram-se de homenagens a importantes cientistas. Com efeito, esses institutos nem sempre estão ligados diretamente a departamentos de história, mas às áreas de conhecimento que são objeto de suas pesquisas históricas, embora procurem trabalhar não apenas com historiadores profissionais, mas com o profundo rigor das ciências da história.

¹ A sociedade Max Planck, que homenageia o ilustre físico falecido em 1947, foi fundada em 1948 como sucessora da Sociedade Kaiser Wilhelm.

Seguindo essa tendência, em 1994 a Sociedade Max-Planck¹ Para o Progresso da Ciência, uma importante agência promotora de pesquisas na Alemanha, criou o Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte (Instituto Max Planck para a História da Ciência) (www.mpiwg-berlin.mpg.de/en/index.html) – com sede em Berlim –, separadamente de seu Max-Planck-Institut für Geschichte (Instituto Max Planck Para a História) (www.geschichte.mpg.de) – com sede em Göttingen –, existente desde 1956. O Instituto Max Planck para a História da Ciência recebe pesquisadores do mundo inteiro para estadias variadas: desde poucos meses até alguns anos em estágio pré e pós-doutoramento (não há a modalidade doutoramento). As pesquisas desenvolvidas em Berlim contemplam os estudos históricos de diversas áreas científicas.

Na área das ciências da vida muitos projetos estão sendo desenvolvidos, entre eles o projeto Uma História Cultural da Hereditariedade, que aborda a hereditariedade para além das concepções históricas tradicionais que se centram na história das idéias. O propósito desse projeto é a elaboração de um estudo da hereditariedade em seu contexto social, procurando focar os diversos domínios nos quais o conhecimento da hereditariedade apareceu, para além de uma dimensão meramente teórica, isto é, através de procedimentos técnicos, práticos e institucionais. Essa dimensão pragmática do fazer transcenderia, assim, a história da disciplina genética, procurando entender a hereditariedade como, mais que uma disciplina, uma prática cultural.

Ainda no que diz respeito ao estudo da história das ciências da vida, vale destacar o grande número de institutos e centros voltados para a história da medicina (cerca de vinte) na Alemanha. Como exemplo, o Instituto de História da Medicina da Universidade Justus Liebig, em Giessen (www.med.uni-giessen.de/histor/), cujos pontos fortes de pesquisa são a história da psiquiatria nos séculos XIX e XX; genética humana e eugenia no século XX; cooperação intercultural na esfera da

saúde (América Latina e Alemanha: medicina de imigrantes) e história da medicina na América Latina.

Podemos citar ainda o Instituto de História e Ética da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Colônia (www.uni-koeln.de/med-fak/igem), o Instituto de História e Ética da Medicina da Universidade Friedrich-Alexander de Erlangen-Nürnberg (www.gesch.med.uni-erlangen.de), o Instituto de História da Medicina do Charité Centrum em Berlim (www.charite.de/medizingeschichte/index.htm), o Instituto de História da Medicina da Universidade Albert-Ludwig de Freiburg (www.igm.uni-freiburg.de/) e o Instituto de História da Medicina da Universidade Ruprecht-Karl em Heidelberg (www.medgesch.uni-hd.de/), entre outros.

A Alemanha é hoje um país importante no desenvolvimento dos estudos em história das ciências com alta qualidade acadêmica, o que *Jahrbuch für Europäische Wissenskultur* vem atestar. Esperamos que a comunidade de pesquisadores brasileiros possa, apesar da dificuldade relacionada ao idioma, encontrar cada vez mais o diálogo com os pesquisadores alemães.



